

ESTUDO DO NEOLOGISMO POR COMPOSIÇÃO EM “O GUESA”, DE JOAQUIM DE SOUSA ANDRADE

Gisele Alves – UNESP/CNPq

Introdução

O presente trabalho, denominado “Estudo do neologismo por composição em “O Guesa”, de Joaquim de Sousa Andrade”, tem por objetivo desenvolver considerações acerca das criações neológicas empregadas pelo poeta em sua poesia. Cumpre ressaltar que se trata de um estudo desenvolvido em nível de mestrado, na forma de dissertação, e nosso interesse consiste em apresentar resultados parciais da pesquisa já concluída que, por sua vez, vincula-se ao projeto maior intitulado “Observatório dos neologismos literários do português do Brasil”, sob coordenação do Prof. Dr. Evandro da Silva Martins, do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Nesse sentido, nossa hipótese de trabalho consistiu em investigar se o poeta supracitado recorria ao processo da composição para criar novos substantivos e adjetivos. Portanto, coletamos os substantivos e adjetivos neológicos na obra “O Guesa”; analisamos e descrevemos os dados levantados; e organizamos tais dados em forma de um glossário neológico parcelar a partir dos neologismos coletados e analisados.

Elegemos o critério da dicionarização como o mais pertinente para a seleção das formas tidas como neológicas. As obras lexicográficas “Diccionario da Lingua Portuguesa”, de Antonio de Moraes Silva (1813), “Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa”, de Caldas Aulete (1881) e “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, de Cândido Figueiredo (1925) constituem o corpus de exclusão lexicográfica.

1 – Conhecendo Sousândrade

No Brasil, durante a segunda fase do Romantismo, Joaquim de Sousa Andrade, ou melhor, Sousândrade, modo como o próprio poeta gostava de ser chamado, surge como um poeta pouco conhecido entre os demais escritores da época. Dotado de um estilo irreverente e ousado, Sousândrade reforça tais características por meio, dentre outros aspectos, da bizarria de seu próprio nome, resultado da aglutinação de seu nome de família.

Sousândrade era filho de José Joaquim de Sousa Andrade e de Maria Bárbara Cardoso, notáveis fazendeiros integrantes da nobreza de Alcântara, cidade situada no interior do estado do Maranhão. Com a morte de seus pais, o poeta e sua irmã Ana passaram por difíceis momentos devido a desestrutura familiar e à ruína da fortuna herdada. Nas palavras de Campos (2002), tais fatos foram explorados anos depois pelo poeta, na obra “O Guesa”, em que é evocada sua infância feliz e exposto todo seu inconformismo provocado pela falência da Fazenda Vitória.

Sousândrade teve uma vida marcada por uma fase errante. Campos (2002) cita viagens pela Europa, Amazonas, Estados Unidos e por países da América Latina. Durante a temporada nos EUA, é destacado o incansável trabalho e dedicação do poeta à escrita do longo poema “O Guesa”, cuja primeira datação remonta o ano de 1858.

Em virtude do contato com as mais diversificadas culturas, povos e realidades sociais, Sousândrade vivenciou de forma muito próxima as mazelas humanas e sociais. Campos (2002) revela que a experiência do autor com os diversos estilos de vida, característicos de diferentes povos, contribuiu para acender seu fervoroso espírito abolicionista e republicano, o que é comprovado pela sua atuação como um desprezado cidadão e patriota de seu tempo. Lutou com muito engajamento pela abolição da escravatura, proclamação da República, bem como pela moralização dos costumes.

2 – O Guesa: obra maior de Sousândrade

No que concerne à obra literária de maior representatividade de Sousândrade, convém traçar algumas considerações sobre “O Guesa”. Dentre os 13 cantos que compõem a longa composição poética, os cantos VI, VII, XII e XIII se encontram inacabados. Os primeiros cantos datam de 1858.

Segundo Campos (2002), de acordo com a moderna concepção de poema longo, a obra literária em estudo encerra um entrecruzamento das linhas dramática, lírica, épica e narrativa. Logo, depreende-se a rebeldia do poema por não obedecer a uma classificação ortodoxa quanto aos gêneros de composição. Para fins didáticos. “O Guesa” é tido como uma composição narrativa que não segue um desenvolvimento lógico-linear, mas que evolui, predominantemente, no plano da memória, tendo como pano de fundo a lenda indígena do Guesa Errante.

Para escrever o poema, Sousândrade se reveste do Guesa, um personagem lendário conhecido por meio do culto solar dos indígenas da Colômbia. O Guesa, cujo significado é errante, sem lar, era uma criança roubada dos pais e destinada a cumprir o destino mítico de Bochicha, Deus do Sol. Seria educado no templo da divindade até os 10 anos de idade, quando deveria partir para as peregrinações de deus, chegando ao final do sacrifício aos 15 anos. Esse ritual seria realizado numa praça circular, onde o adolescente era preso a uma coluna e cercado de sacerdotes, chamados de “cheques”, e morto a golpes de flechas. Depois de morto, seu coração seria arrancado e oferecido ao sol, enquanto seu sangue seria recolhido em vasos sagrados. Terminado o ritual, iniciava-se o novo ciclo astrológico de quinze anos em que outra criança seria raptada (o novo guesa), dando início a uma nova cerimônia.

Em virtude da indiferença de seus contemporâneos e de sua própria família, razões pelas quais apreciava viver andando como um verdadeiro peregrino pelo mundo, Sousândrade identifica seu destino e sua biografia ao destino do guesa. No dizer de Campos (2002, p. 48) “no plano histórico e social, assimila a esse destino o do selvagem americano, o ameríndio, sacrificado pelo conquistador branco”.

Em sua obra central, apesar de Sousândrade denunciar o sacrifício a que são vítimas os povos indígenas, ele propõe uma visão reformadora desse estado de coisas, apresentando uma nova ordem de valores, como a proposta de criação de uma nova civilização americana. Sobre isso, Campos (2002) declara que:

de um lado, condenava as formas de opressão e de corrupção, profligando o colonialismo e satirizando as classes dominantes (a nobreza e o clero); de outro, preconizava o modelo republicano, greco-incaico, colhido na República social utópica de Platão e no sistema comunitário dos Incas, ou ainda numa livre interpretação das raízes do cristianismo. (CAMPOS, 2002, p. 48).

Ao longo da trama, depreende-se a alternância de trechos que evocam o paraíso e outros que vislumbram o inferno; há a glorificação a heróis e anti-heróis; consta a celebração dos fundadores do Império Inca e dos pais da República norte-americana; exalta os libertadores das Américas procedendo da mesma forma com os conquistadores, monarcas e déspotas. Pode-se concluir que o poeta maranhense busca vislumbrar o movimento dialético da nossa história.

Por fim, cabe abordar com especial destaque outro aspecto formal característico da obra sousandradina. No nível do léxico, muito férteis são as invenções vocabulares, principalmente a criação de palavras compostas que apresentam notável recorrência ao longo da poesia e efeitos expressivos inéditos.

Segundo Campos (2002), muitas invenções são concebidas como *palavras-montagem* que funcionam como verdadeiras metáforas, processando condensações sintáticas que resumem um longo e complexo trecho discursivo, mantendo seu conteúdo semântico. Seriam os casos de liberdade-libertinagem, firmamento-adeus, torre-hinos, bananeira-ciencia etc.

Nota-se portanto que a singularidade do léxico na poesia de Sousândrade reside, conforme se verá adiante, na criação de neologismos por composição.

3 – O neologismo na composição

Dada a ocorrência de neologismos por composição na obra “O Guesa”, faz-se necessário desenvolver discussões acerca da composição. Os estudos de Martins (1995) constituem nosso embasamento teórico para tal fim. A recorrência ao estudioso citado se justifica em virtude do quadro teórico que sustenta seu trabalho, sendo o filólogo Said Ali e os lingüistas Bloomfield, Lees e Benveniste os principais teóricos abordados.

3.1. – Considerações de Said Ali

Sobre a composição, esse autor trata, *a priori*, do conceito de composto nominal, estabelecendo uma distinção entre compostos de sentido literal e compostos metafóricos. A título de exemplo, a palavra *pica-pau* (ave que trabalha com o bico nos troncos das árvores) ilustra o tipo de composição de sentido literal e a forma vocabular *linda-flor* (nome vulgar conferido às plantas do gênero **Coreopsis**) refere-se às formas metafóricas.

Tendo em vista o conceito de composto nominal, Said Ali diferenciou a palavra composta, particularizada pela unicidade semântica, ao grupo sintático, em que o significado total resulta dos sentidos das formas constituintes das formas vocabulares compostas. No tocante à formação de palavras compostas, o filólogo revela a ocorrência de combinações que se encontram em estágio de transição, em vias de se tornarem palavras compostas, uma vez que, o usuário não tendo a sua disposição nomes específicos para designar alguma coisa, recorre ao uso da composição.

A forma *saca-rolhas* ilustra esse caso. Diante da necessidade de falar sobre um objeto cuja função seja sacar as rolhas de uma garrafa, o falante, primeiramente, cria uma frase para descrever o objeto (objeto que saca rolhas). Em seguida, com algumas elipses, a frase é transformada em um composto: *saca-rolhas*. Tal procedimento leva Said Ali a refletir sobre os postulados da Gramática Gerativa Transformacional. Outros exemplos: a) objeto que saca rolhas: *saca-rolhas*; b) instrumento que quebra nozes: *quebra-nozes*; c) ave que beija flor: *beija-flor*. São exemplos de compostos derivados dos enunciados, de forma que da construção sintática se origina a unidade composta.

3.2. – Considerações de Bloomfield

Abordando a composição na perspectiva estruturalista, Bloomfield destaca o “*princípio dos constituintes imediatos*”, o que torna possível a distinção de determinadas classes de palavras. Segundo este princípio, as palavras são classificadas em *secundárias* e *primárias*. As primeiras correspondem àquelas que contêm formas independentes (*obra-prima, matéria-prima, surdo-mudo*), enquanto as segundas se referem a formas presas (*de-ter, re-ceber*).

Endossando a reflexão de Said Ali, Bloomfield também afirma que o processo de formação de palavras compostas se aproxima das construções da sintaxe, concepção esta que antecipa a teoria gerativo-transformacional no que se refere ao composto.

Entendendo que na maioria das línguas existe semelhança entre os principais tipos de compostos, salva alguma variação ou restrição, o lingüista norte-americano estabelece duas linhas de classificação para o composto. A primeira vinculada à relação entre os componentes e a segunda centrada na relação entre o composto em sua totalidade com seus componentes. Conseqüentemente, têm-se os compostos *sintáticos*, *semi-sintáticos* e *assintáticos*.

Os compostos sintáticos são aqueles cujos membros constituintes comungam a mesma relação gramatical das palavras do enunciado sintático. Exemplos: *dedo-duro / dedo duro; copo-de-leite / copo de leite*). Num estágio intermediário entre os sintáticos e os assintáticos, se situam os compostos semi-sintáticos. Nesse caso, há uma relação paralela à construção sintática relacionada, porém com um traço distintivo entre ambos. Em *puro-sangue / sangue puro*, vê-se que a diferença se centra somente na posição dos constituintes. Os compostos assintáticos designam as formas em que os componentes não se combinam em construções sintáticas, sendo encontrados então somente no interior das combinações em que funcionam como constituintes. O exemplo *pintassilgo* mostra que o membro *silgo* é um componente único, não encontrado em nenhum outro vocábulo.

A segunda linha de classificação colocada por Bloomfield comporta as construções endocêntricas e as construções exocêntricas. O composto endocêntrico diz respeito à construção que apresenta a mesma classe morfológica do membro constituinte nuclear ou a mesma classe dos dois constituintes. Em *salário-família*, os constituintes e o composto pertencem à classe gramatical dos substantivos. Por outro lado, se a classe gramatical do vocábulo composto não coincide com a dos componentes, tem-se o composto exocêntrico. Em *bem-fazer*, a forma composta é um substantivo, ao passo que as formas *bem* e *fazer* se enquadram em categorias gramaticais distintas em relação ao composto.

3.3. – Considerações de Lees

Nos domínios da Gramática Gerativo-Transformacional, constata-se o pioneirismo empreendido por Lees quanto à descrição dos compostos resultantes de enunciados lingüísticos. Lees busca descrever os compostos analisando as relações sintáticas inerentes às estruturas subjacentes.

No caso do composto *drawbridge*, o estudioso atesta que a forma resulta da transformação do enunciado “bridge for someone to draw”. Conforme esse postulado, depreende-se uma relação sintática que se instaura entre os componentes *draws* e *bridge*, de forma que, na estrutura subjacente, o primeiro elemento funciona como verbo e o segundo como objeto direto. Dessa forma, visando um estudo descritivo dos compostos com base na sintaxe, Lees se atém por completo às questões sintáticas subjacentes às estruturas compostas.

3.4. – Considerações de Benveniste

Benveniste enfoca a integração do processo composicional na prática descritiva e na classe de palavras, destacando a necessidade de situar a composição nominal no campo da morfologia. Logo, o exame dos componentes da forma composta, sua flexão e tipologia devem ser enquadradas nos domínios morfológicos.

Porém, há casos em que a morfologia não se mostra totalmente suficiente para esclarecer certas questões sobre função, necessidade e fonte dos compostos, pois tal exame não se limita ao estudo das formas vocabulares. Benveniste concebe os compostos como organizações sintáticas, o que deixa transparecer o princípio de que o estudo da composição sustentado pelas premissas da morfologia não pode ser dissociado das premissas da sintaxe.

Constata-se certa carência do processo de formação de palavras por composição na România. Em contrapartida, noutras línguas neolatinas, esse processo se mostra bastante produtivo. A indagação a ser feita reside no fato de que, ao passo que as línguas românicas, também oriundas do latim, apresentam um processo composicional improdutivo, as línguas neolatinas revelam uma realidade oposta. Isso seria de difícil explicação se sua análise se restringisse somente à morfologia. Por outro lado, havendo consenso de que a composição é fruto de construções sintáticas, a análise não seria incoerente.

Quando a oração é transformada em composto, a predicação é suspensa e o novo enunciado é cristalizado de forma virtual. Virtualizado, o composto deixa implícitos traços sintáticos e semânticos, que contribuirão para a recuperação da oração hipotética. Destarte, evidencia-se que a fonte dos compostos é de natureza sintático-semântica. Sua análise cabe à morfossintaxe e à semântica.

4 – Analisando os neologismos por composição

Partimos para a apresentação e análise de neologismos por composição extraídos da obra “O Guesa”, de Sousândrade. Cada neologismo se apresenta em ordem alfabética e é inserido com sua classificação gramatical, definição, abonação para que o leitor contextualize a forma composta no interior da obra literária e uma observação lingüística que possa esclarecer o sentido da nova palavra mediante a a definição e a abonação.

AEREO-ROMANTICO: Adjetivo. Qualidade referente àquilo que vive no ar, o qual por transmitir certo ar de calma, leveza, transparência ou silêncio, sugere uma dose de romantismo.

Abonação: “*As nuvens alvas Perdem as leves fôrmas transparentes, / Tendo as do arboreo gelo das escalvas, / Na patagonea costa e estão pendentes / Sobre as vagas que elevam-se do Atlantico / — Porém, as aves que seguindo vieram, / N’esse acompanhamento <aereo-romantico> / Do esteiro undoso,*

desapareceram. / Assim desaparecem da existencia Os sonhos, que conduzem ao futuro: / Desperta-s; e ante esta arida apparencia” (O Guesa, p. 331).

Análise lingüística: Neologismo constituído pela justaposição dos adjetivos “aéreo” e “romântico” que se refere a algo relativo ao ar e que traz em sua essência algo romântico. Pelo contexto, supõe-se que o vôo das aves, por caracterizar-se como calmo e leve, caracteriza-se também como um fenômeno romântico.

ALÉM-MUNDO: Substantivo. Idealização de um novo tempo, de uma nova era e de uma nova civilização situada num tempo subjetivo e além dos limites da própria imaginação.

Abonação: *“O mystico velamen, que não arde, Doce qual as soidões do sentimento Ouvindo voz celeste que nos brade __ O’ Lamartine! / os cândidos paizes Vejo, os longes <além-mundos> sonhados, / Onde os fortes revivem, que felizes / São da tribu e dos seus sempre lembrados. / As regiões formosas, onde as almas Habitam, dos guerreiros, que luctaram”*. (O Guesa, p. 279).

Análise lingüística: Neologismo formado pela justaposição da preposição “além” e do substantivo “mundo”. Sugere a idéia de idealização, sonho e desejo de um novo mundo, situado num tempo futuro, em que todos possam usufruir uma vida repleta de felicidade e tranqüilidade.

ALVO-SILENTE: Adjetivo. Qualidade referente à intensidade daquilo que é excessivamente silencioso e misterioso.

Abonação: *“Cae a neve; pendei, grinalda pura / Da terra infante, brancas açucenas / Sonhos dos ares, das regiões serenas / Imagens voai, cobri a sepultura! / E os plainos e a collina e o valle e a serra / Co’o mesmo manto vestem-se, e nitente / Matinal, alva-umbrosa, <alva-silente>, / Tranquilla ondula-se a extensão da terra. / Silencio mago e candido das neves! / Solidões brancas dos sagrados seios! / Oh minha mãe! Quão breves / são, quão breves Estes céus puros, de outros céus alheios!”* (O Guesa, p. 267).

Análise lingüística: Neologismo que denota algo silencioso carregado de certo mistério. Supõe-se que o adjetivo “alvo” funcione no sentido de destacar a idéia de intensidade, visando reforçar os sentidos de silêncio e mistério.

BANANEIRA-SCIENCIA: Substantivo. Idealização metafórica de plantação de bananas portadoras de sabedoria científica.

Abonação: *“Raia o sol qual commenda, / Resplenda Sobr’o imperio da ran! __ Musa paradisiaca Já no Eden floriu, <Bananeira-sciencia>, / Sapiência Que o Senhor prohibiu”*. (O Guesa, p. 39).

Análise lingüística: Idealizando um ambiente paradisíaco, onde tudo parece estar em completa harmonia, o eu-lírico faz referência ao vegetal bananeira dotado de características humanas. Para tanto, recorre à composição das bases “bananeira” e “sciencia” para formação da nova palavra.

BRANCO-FOSCO: Substantivo. Cor branca desprovida de qualquer brilho ou outra tonalidade de cor, resultando numa cor pura.

Abonação: *“Crystallino, a que ao Sol ideal o dia / Ortivo incasio abriu, doce e formoso! / Velemos, pois Do Rimac, o sussurro; / Na Cordilheira, os límpidos luares; / Do rosto da Limeña, o croceo, puro, / Incantador brancor __ amo-lhe os ares / Graciosos, o ameno <branco-fosco> / De angélica doçura, qual se sente”* (O Guesa, p. 282).

Análise lingüística: Neologismo formado por composição para reforçar as idéias de pureza, doçura e delicadeza inerentes à Limeña.

BRONZEO-FORTE: Adjetivo. Atribuição ao que é construído ou elaborado com a substância de bronze cujo aspecto é de força, sustentação e resistência.

Abonação: *“Gentil potenciazita e tão sincera / De patriotismo e nacionalidade, / Amiga leal na paz, leal na guerra, / Na acção de morte e, mais, de humanidade, / “Quão bella sois! Aquelle aureo estandarte / Que <brônzeo-forte> braço desenrola, / Foi o da Independência: eram de Marte / Então os filhos; hoje o são da*

Eschola. / “*Na imprensa as luctas do direito, as frentes / Excelsas de Lastarria e de Mackenna;*” (O Guesa, p. 323).

Análise lingüística: Composto formado pelos adjetivos “brônzeo” e “forte”. A nova palavra denota a robustez, força e resistência de uma construção edificada.

CÉU-PUREZA: Substantivo. Sentimento interior de infinita pureza, limpidez, inocência, bondade e brandura.

Abonação: “*Precisa-se abençoar alguém no mundo, / O coração sem bençã não resiste __ / Um ninho onde haja um cantico jocundo, / Um amigo, uma mãe. Mas, ai do triste / Que abençoar não poder! Não é bastante/ E sciencia, e pão, e toda a natureza, / Nem do infinito este anhelar constante: / De terra-amor e internos <céus-pureza>, / O homem carece, ao crer, quando lhe estua / Fogo sagrado, que, se se acabaram / Mundos, em Deus s’ eleva a frente sua / E os elementos alhi não se arruinaram!*” (O Guesa, p. 201).

Análise lingüística: Conforme a abonação, as bases “céu” e “pureza” são justapostas. Em busca de uma forma vocabular que encerre a idéia de infinidade ou imensidão, a primeira base é empregada para transmitir tal sentido. Na tentativa de mencionar qualidades como brandura, pureza, bondade, a segunda base é empregada para encerrar tais significações.

FACE-LEDICE: Substantivo. Semblante satanicamente caracterizado por transmitir a impressão de loucura e desatino.

Abonação: “*Oh! quão funesta do infortunio bate / A hora, quando se alegra a mocidade! / E d’esmeralda luze velludosa / Do insondavel abysmo a superficie: / Prostituição do abysmo! Insidiosa / Luz! Sepulchro infernal <face-ledice>! / A serpe que o rompeu por estas fraguas / Lá s’estende em seu leito somnolento / O olhar evita-se ás d’Esquecimento / Fundas, resvaladias, verdes aguas!*” (O Guesa, p. 269).

Análise lingüística: De acordo com a abonação, vê-se que o sentido instaurado pela nova palavra sugere impressões infernais e satânicas, como se pode concluir das palavras “sepulchro”, “abysmo” e “infernal”. Nesse sentido, o neologismo visa corresponder a esses sentidos, uma vez que se refere a manifestações de loucura expressas no rosto de uma pessoa.

IDEAL-DIVINO: Substantivo. Idealização de um ser divino, supremo, soberano e todo poderoso.

Abonação: “*Mercê dos céus, no throno de oiro os Andes / Jamais viram seus Incas lavradores / Voltados para o Sol, qual estes grandes / Para a civ’lisação! Pios actores, / A mentira, o adulterio, o latrocínio / Eram desconhecido n’ este povo; / E o Testamento do <Ideal-Divino>, / Não d’ outro, è que esperava o mundo novo. / Mais um Eden, porém, viu-se perdido, / E este já tendo educação política / E pública opinião e um throno erguido;*” (O Guesa, p. 298).

Análise lingüística: Conforme se interpreta a abonação, nota-se a esperança de um povo que, assolado por mentiras, adultérios e latrocínios, idealiza a vinda de um ser supremo e todo poderoso que possa criar um mundo novo e livre de pecados. Assim, o neologismo em análise encerra a idealização de algo divino.

NEGRO-AZUL-AUREO: Adjetivo. Caracterização poética referente ao que irradia uma coloração escura realçada por tons azuis e dourados, cujo brilho assemelha-se à irradiação do ouro.

Abonação “*Soberbamente a lua magestosa! / Patria de amor em campos de jacinthos, / Enlêvos da donzella harmoniosa: / “Do céu <negro-azul-aureo> sobe ao throno! / Desdobraram-se em chammas os luares,*” (O Guesa, p. 124).

Análise lingüística: Conforme o sentido do neologismo no interior da abonação, é exaltado o ar de majestade da lua e a beleza do céu. Supõe-se que, buscando destacar a beleza desse céu, o novo composto realça suas cores brilhantes e vivas.

Conclusão

Ao final de nosso trabalho de dissertação, foram analisados cento e um neologismos. Desse total, noventa resultaram do processo de composição, ao passo que seis formas decorreram da derivação e cinco se enquadraram no tipo de neologismo semântico. Portanto, a hipótese inicialmente levantada se confirmou, dada a alta recorrência de vocábulos neológicos formados pela composição na obra “O Guesa”, de Sousândrade. Em relação ao recurso da composição como processo formador de neologismos, um caso bastante interessante que encontramos foi o adjetivo “negro-azul-aureo”, em que se têm três bases justapostas, ao passo que na maioria dos neologismos por composição predomina-se a justaposição de duas bases, como pode ser verificado nos exemplos “céu-luz”, “luz-verdade”, “sorriso-dardo” e outras criações que singularizam a obra poética de Sousândrade.

Nesse sentido, a poesia sousandradina se figura, dentre outros aspectos, como um espaço bastante fértil na produtividade neológica, constituindo desse modo, um campo a ser explorado pelos demais estudiosos do léxico.

Referências bibliográficas

- AULETE, F. J. *Diccionario contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Editora, 1881.
- CAMPOS, A; CAMPOS, H. *Re Visão de Sousândrade*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FIGUEIREDO, C. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1925.
- MARTINS, E. S. *O processo de pluralização do composto nominal hifenizado*. Araraquara: UNESP, 1995.
- SILVA, A. M. *Diccionario da língua portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.
- SOUSÂNDRADE, J. *O Guesa*. São Luís: Sioge, 1979.